

Autismo e a Vacina MMR

Salisbury DM

Departamento de Saúde, Londres, Reino Unido

Retroinformação:

Permanece difícil identificar a suposta associação entre o autismo e a vacina MMR, considerando que existe muito pouca razão biológica notável para implicar a vacina na etiologia da doença. A infecção natural do sarampo não é conhecida como uma significativa associação com o autismo, crianças com autismo não têm histórias de eventos neurológicos agudos após a imunização, e tem existido evidência crescente para uma etiologia genética. Entretanto, a idade mais comum para a observação da falha em adquirir novas práticas, especialmente na linguagem, ou na perda das habilidades, coincide com a idade da administração das vacinas contendo o componente sarampo. Considerando que nenhuma associação tem estado implicada com a vacina monovalente contra o sarampo, qualquer mecanismo suposto pode apenas ser biologicamente explicável sobre algum outro fenômeno vinculado com as vacinas contra rubéola ou caxumba. Novamente, as infecções naturais, quando adquiridas no período pós-natal, não são associadas com o autismo. Um é considerado como plausível, diferente da oportunidade do início da consciência das características autísticas e uma percepção de que o autismo está se tornando mais frequente, e que a utilização da vacina MMR tem aumentado. Além dos relatos de casos e conjecturas, existe pouca evidência objetiva que vincula a MMR e o autismo. A apresentação revisará a evidência.

Métodos:

Este trabalho é focalizado na revisão literária.

Resultados & Discussões:

Estudos sugerindo vínculos biológicos com a vacina vem sendo frágeis. De fato, em um recente relatório que tem parecido implicar a MMR no início do autismo (Wakefield et al, Lancet 1998), os autores concluíram, "Não provamos uma associação entre a vacina contra sarampo, caxumba e rubéola e a síndrome descrita". De modo inverso, a percepção pública é que uma associação foi provada.

A evidência contra uma associação também vem de estudos de caso, os quais estão distantes de conclusivos. Em um estudo populacional amplo, (Taylor et al, Lancet 1999), os autores observaram que enquanto o número de casos por ano de nascimento foi aumentando, a cobertura esteve estável, arguindo contra a vacina como fator causal do incremento. Não ocorreram diferenças na idade de diagnóstico entre aqueles imunizados antes ou após os 18 meses, e naqueles nunca vacinados. Naquelas crianças com regressão, isto não foi agrupado nos meses após a vacinação. O apoio de dados populacionais da Suíça (Gillberg e Heijbel, Autismo 1998) não mostra evidência de qualquer aumento no autismo quando a MMR foi introduzida.

Conclusão:

A sugestão de um vínculo da vacina para o autismo está ganhando muito apoio público, especialmente entre famílias de crianças autísticas. Seus dinamismos para encontrar uma explicação é inteiramente compreensível. Existe pouca evidência para apoiar uma associação que não coincidente, e pouca plausibilidade biológica para qualquer mecanismo proposto. Na ausência de uma identificação definitiva da causa do autismo, que pode bem ser multifatorial, os estudos populacionais têm falhado na confirmação de um vínculo. A crítica ao assunto é determinar se tem havido um aumento real no autismo, e se isto tem sido causado pela MMR. A evidência disponível para nós não apoia qualquer “epidemia” de autismo, ou qualquer vínculo causal com a MMR.

Este documento traduzido trata-se de uma colaboração da Coordenação Geral do Programa Nacional de Imunizações – CGPNI/CENEPI/FUNASA/MS, a todos que se dedicam às ações de imunizações.